

ASPECTOS DO LÉXICO PORTUGUÊS E BRASILEIRO NO SÉCULO XVIII:
“PESOS E MEDIDAS” NO *ERÁRIO MINERAL* (1735),
DE LUÍS GOMES FERREIRA

Maria Filomena Gonçalves
Universidade de Évora

RESUMO: Este trabalho visa dar a conhecer o *Erario Mineral* (1735) como fonte linguística para o estudo de vários campos lexicais, entre eles o dos “pesos e medidas”. Publicada por Luís Gomes Ferreira, médico-cirurgião português que viveu durante duas décadas nas Minas do Brasil, a obra tem carácter técnico-científico, conciliando a medicina e a farmácia científicas com a farmacopeia popular. Este estudo demonstrará como o autor, além das unidades conhecidas em Portugal, também adequou estas ou criou novas, introduzindo assim uma “terminologia popular” no campo dos pesos e das medidas.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico; Português; Brasileiro; Setecentos; pesos e medidas.

ABSTRACT: This paper aims to inform about the *Erario Mineral* (1735) as a linguistic source for the study of various lexical fields, including the one of “weights and measures”. Published by Luís Gomes Ferreira, a Portuguese surgeon who lived for twenty years in the Brazilian Mines, this text has a technical and scientific nature, whose scientific medicine and pharmacy is often substituted by a local pharmacopoeia. This study will demonstrate how the author, beyond the lexical units used in Portugal concerning weights and measures, also adapted or created new units or phraseological expressions, thus introducing a “popular terminology” in that lexical field.

KEYWORDS: Lexicon; Portuguese; Brazilian; 18th century; weights and measures.

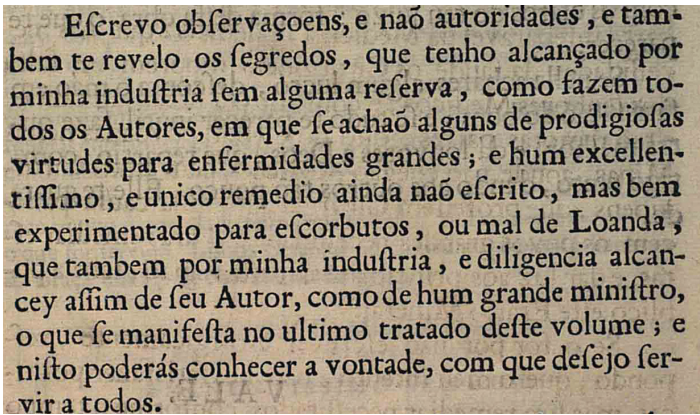
Preliminares.

Na última década, muitos têm sido os desenvolvimentos dos estudos diacrónicos do Português: da Sintaxe à Morfologia, da Linguística Variacionista à Linguística Cognitiva, os mais variados domínios e teorias têm contribuído de forma decisiva para o estudo histórico da língua. No mesmo período, também as chamadas Ciências de Léxico, à medida que iam definindo o respectivo âmbito e consolidando metodologias, conquistavam um espaço epistémico. Todavia, os avanços teóricos e práticos destas ciências verificaram-se mais na investigação descritiva ou sincrónica do que na perspectiva histórica, situação que fica patente na lista de títulos publicados nos volumes dedicados às chamadas Ciências do Léxico (OLIVEIRA e ISQUERDO 2001; ISQUERDO e KRIEGER, 2004; ISQUERDO e ALVES, 2007; ISQUERDO e FINATTO, 2010; ISQUERDO e BARROS, 2010).

Neste trabalho pretende-se demonstrar precisamente a relevância da perspectiva histórica aplicada a estas ciências, na linha defendida por Krieger (2010). Reivindica-se, pois, a importância do estudo do léxico tanto na sua diacronia como em cada uma das sincronias passadas. Com este propósito, são analisados alguns aspectos do *Erario Mineral* (1735), obra que ilustra as chamadas “linguagens especiais” (VERDELHO, 1998: 19-26) ou “tecnolectos” (VERDELHO, 1994) relativos à medicina e à farmacopeia nas primeiras décadas de Setecentos. Na sequência de trabalhos anteriores acerca do *Erario Mineral*, trazem-se agora novas achegas sobre o léxico presente na obra do cirurgião Luís Gomes Ferreira, que exerceu a sua actividade na região das Minas brasileiras durante mais de vinte anos. Importante testemunho linguístico que conecta e compara realidades e modos de dizer europeus e brasileiros, apesar de há pouco tempo ter sido objecto de uma edição acompanhada de alguns estudos (FERREIRA, 2008), continua a merecer uma análise sistemática não só do léxico em geral mas sobretudo das antigas terminologias, próprias da “botica da natureza” (HOLANDA, 1994), vale dizer, dos remédios feitos a partir de elementos nativos – plantas, animais e minerais – para curar as doenças. Com efeito, perante condições de vida muito diferentes das da Portugal, os cirurgiões e os boticários ora adoptavam o saber dos nativos ou “habitadores” acerca das propriedades curativas das plantas e outros produtos naturais, ora inventavam remédios feitos com tais elementos. Assim aconteceu com Gomes Ferreira que, confrontado com as mais variadas enfermidades e moléstias, causadas pelo clima e pelas condições de vida nas Minas do Ouro¹, para si reclama no Tratado VI (*Dos segredos, ou remedios particulares*,

1 Além das Minas, Gomes Ferreira também se refere à Bahia e ao Rio de Janeiro, por exemplo.

que o autor faz manifestos, e quaes saõ), a invenção de vários remédios, aspecto ao qual aludia no *Prologo ao leytor* (1735, iii):



Escrevo observaçoens, e não autoridades, e tam-
bem te revelo os segredos, que tenho alcançado por
minha industria sem alguma reserva, como fazem to-
dos os Autores, em que se achão alguns de prodigiosas
virtudes para enfermidades grandes; e hum excellen-
tissimo, e unico remedio ainda não escrito, mas bem
experimentado para escorbutos, ou mal de Loanda,
que tambem por minha industria, e diligencia alcan-
cey affim de feu Autor, como de hum grande ministro,
o que se manifesta no ultimo tratado deste volume; e
nisto poderás conhecer a vontade, com que desejo ser-
vir a todos.

Nesta ocasião (GONÇALVES, 2012), a amostra extraída do *Erario Mineral* visa contribuir para o estudo do campo lexical dos “pesos e medidas” no português setecentista, ao mesmo tempo que procura demonstrar o valor das obras “técnicas” para a história do léxico português e brasileiro.

1. O autor e a obra.

Cirurgião nas “Minas do Ouro” durante duas décadas, Luís Gomes Ferreira nasceu em S. Pedro de Rates, junto a Barcelos, no Minho. Aprendeu a arte de cirurgião-barbeiro com Francisco dos Santos, cirurgião da enfermaria Real de Dom Pedro em Lisboa, tendo completado a sua formação no Hospital Real de Todos-os-Santos. Esteve na Índia, onde terá tomado contacto com muitas plantas e outros produtos naturais cujas propriedades eram adequadas ao tratamento de diversas doenças². Viaja para Salvador da Bahia em 1708, onde permanece até 1710, ano em que vai para a região das Minas, passando pelas cidades de Sabará, Mariana e Vila Rica. Em 1711 integrou o exército recrutado para expulsar a

2 Os *Colóquios dos Simples e Drogas he Cousas medicinais da Índia* (1563), de Garcia de Orta (1501-1568), foi a obra que contribuiu para a divulgação na Europa de muitas dessas plantas e produtos. A tradução latina de Charles L'Écluse ou Clusius (1525-1609) tornou a obra do português acessível aos eruditos europeus. As plantas medicinais e as doenças tropicais (FURTADO, 2008, p. 131-136) já haviam sido descritas por Abraão Zacuto (1575-1642), Aleixo de Abreu (1568-1630) e Simão Pinheiro Mourão.

esquadra francesa que tinha invadido o Rio de Janeiro. Após vinte e três anos de exercício no Brasil, regressa a Portugal em 1731. O *Erario Mineral* sai dos prelos em 1735, mas já em 1733 estava redigido, conforme mostram as datas das Licenças do Paço e do Santo Ofício.

Embora não seja o primeiro tratado médico escrito no Brasil (EDLER, 2006, p.45)³, parece ser o primeiro a incluir a “clínica, a terapêutica e a cirurgia” (FERREIRA, 2005; 2008), motivo por que, ademais do seu valor histórico, se reveste de enorme importância para a história das linguagens específicas daqueles domínios.

Os dados biográficos recolhidos pela historiadora brasileira Júnia Furtado (2002, 2005, 2008) permitem dizer que Gomes Ferreira, como falante, representava a variedade minhota do português, aprendida na infância, e exposta depois a outros modos de falar, em particular o de Lisboa, cidade onde o cirurgião se formou, e na qual se localizava, já nas primeiras décadas de Setecentos, a variedade sociolinguisticamente mais prestigiada, consoante se conclui do testemunho de D. Jerónimo Contador de Argote (1725), gramático que traçou a primeira descrição das variedades diatópicas (e não só) do Português, e que no *Capítulo I da Quarta Parte da Grammatica Portuguesa*, ao caracterizar as variedades regionais toma como referência ou língua-padrão a Província da Extremadura (ARGOTE, 1725: 291-301).

Assim, dada a sua formação, o idiolecto de Gomes Ferreira caracterizava-se certamente pelo uso da terminologia própria dos cirurgiões e dos boticários, ao mesmo tempo que correspondia ao português culto do século XVIII. Contudo, consciente das concessões que fizera à linguagem do “povo”, e antecipando-se às possíveis críticas, no *Proemio* justifica o uso de uma linguagem mais acessível no trato com as gentes da região das Minas.

Note-se a preocupação linguística manifestada por Gomes Ferreira:

Se o for [censurado] por não escrever cirurgicamente, respondo, que o meu intento, não he satisfazer politicas, mas sim remediar necessitados, conforme o tempo deo lugar; e como havião de entender os ignorantes da Medicina, e Cirurgia, se não fossem ensinados com o modo ordinario, com que se explica o povo? (FERREIRA, 1735, *Proemio*).

O *Erario Mineral* divide-se em doze Tratados, dentre os quais merece destaque o *Tratado III – Da Miscellania de vários remédios, assim experimen-*

3 De acordo com este autor, “[...] o século XVIII foi o verdadeiro século das farmacopéias”.

tados, e inventados pelo autor, como escolhidos de varios Autores, e curiosos para variedade de doenças, ainda que os restantes tratados não sejam menos valiosos do ponto de vista linguístico. Com efeito, devido à natureza da matéria exposta – os remédios para várias doenças e achaques –, o *Tratado III* reúne preciosas informações sobre a “farmacopeia rústica” e a “medicina popular”⁴ no Brasil e, em especial, na região das Minas. Por isso, ciente da originalidade da sua obra, Luís Gomes Ferreira salienta ainda no referido *Proemio*:

Naõ sey, que haja professor algum que ate o dia de hoje tenha escrito das enfermidades das Minas, nem ainda do Brasil, e naõ haverá pessoa, que ignore serem os taes climas differentes dos de Portugal, e da Europa [...] (FERREIRA, 1735, *Proemio*).

E mais adiante sublinha as inovações da sua prática cirúrgica:

Escrevo observaçoens, e naõ autoridades, e tambem te revelo os segredos, que tendo alcançado por minha industria sem alguma reserva, como fazem todos os Autores, em que se achaõ alguns de prodigiosas virtudes para enfermidades grandes; e hum excellentissimo, e único remedio ainda naõ escrito, mas bem experimentado para escorbutos, ou mal de Loanda, que tambem por minha industria, e diligencia alcancey assim de seu Autor, como de hum grande ministro, o que se manifesta no ultimo tratado deste volume [...] (FERREIRA, 1735, *Proemio*).

O *Erario Mineral* descreve as experiências do cirurgião português em mais de vinte anos de exercício da profissão nas Minas, onde observa atentamente a natureza, as gentes e os costumes mineiros, descrevendo não só as enfermidades frequentes naquelas paragens mas também as terapêuticas caseiras usadas pelas populações locais. Os muitos comentários sobre o clima e as condições de vida dos habitantes daquela região, assim como as abundantes notas linguísticas e as comparações entre referentes brasileiros e portugueses⁵, conferem ao *Erario*

4 Não cabendo aqui uma extensa contextualização da história natural do Brasil nem da história da medicina no território brasileiro, remete-se, respectivamente, para Buarque de Holanda (1994) e Furtado (2002; 2005; 2008).

5 A título de exemplo da maneira como certas mezinhas caseiras eram adoptadas por Gomes Ferreira à realidade brasileira, com o nome respectivo, veja-se o seguinte trecho do *Tratado VII (Dos formigueyros)*: “Mas porque no Brasil naõ há as maçans de cipreste verde, e só poderã haver nas boticas as cascas de romans, sou de parecer, que em lugar das maçans de cipreste se lancem a coser no vinagre dous ginipapos verdes, e desta sorte se pôde fazer este remedio nas Minas, porque nos curraes perto dellas há esta fruta [...] (FERREIRA, 1735, p. 365).

Mineral o inestimável valor de fonte para o estudo do léxico setecentista, em Portugal e no Brasil.

2. O *Erario Mineral* como fonte da diacronia lexical.

Conforme demonstrado em trabalho anterior (GONÇALVES, 2012), o *Erario* é relevante como fonte para a datação e a retrodatação⁶ de muitas unidades lexicais relativas aos domínios contemplados na obra – principalmente a farmácia, a botânica e a medicina –, mas é igualmente precioso como testemunho da variação lexical que já então registava o português em território brasileiro, variação essa que se manifesta, por exemplo, na existência de várias palavras – indígenas e/ou portuguesas – para nomear o mesmo referente. Por outro lado, os nomes de muitos produtos naturais do Brasil, desconhecidos dos europeus, suscitam diversos comentários por parte do cirurgião, que se manifesta sensível à dinâmica da língua em solo brasileiro. Para lá do relevo da revisão de datações – antedatações ou retrodatações – fornecidas pela lexicografia portuguesa, como referido acima, o *Erario Mineral* mostra-se extremamente rico no que diz respeito aos domínios lexicais referentes à medicina, à farmacopeia e à botânica.

Como a descrição dos remédios requeria uma referência à quantidade exacta das substâncias ou produtos neles usados, é natural que o campo semântico dos “pesos e das medidas de capacidade” sobressaia no *Erario*, motivando até alguns esclarecimentos por parte do autor, prática bem exemplificada no *I Tratado, Capítulo XI – De outra breve, e precisa advertencia para os que não foram professores, e tiveram necessidade de saberem as medidas, e pezos de botica, em que hey de falar*, no qual o cirurgião esclarece as correspondências entre várias medidas, tanto de “secos” como de “molhados”. O excerto abaixo tem grande valor informativo e linguístico, porquanto Gomes Ferreira nele descreve o “antigo sistema” de pesos e medidas:

As libras de botica de cousas liquidas tem doze onças; cada huma destas onças he huma medidade metal, que levará pouco mais, ou menos tanto como hum ovo de galinha ordinario, onde tem pegada da outra banda a medida de meya onça, que he por onde se medem as aguas, os xaropes, e as cousas liquidas; e não são onças, nem libras de pezo, como muytos imaginarão. As cousas solidas, ou grossas, e

6 Sirvam de exemplo as unidades seguintes, que em Houaiss (2001) recebem uma datação posterior a 1735: “(pós) para-tudo” (em Houaiss, 1881), “poaia” (em Houaiss, 1801), “jalapa” (Houaiss, em 1801), “(erva) orelha de onça” (em Houaiss, 1899), “raiz de mil homens” (em Houaiss, 1789). Ver Gonçalves (2012).

secas se pezaõ por libras, onças, oytavas, e meyas oytavas dos marcos comuns. Estas libras tem dezasseis onças, as onças tem cada huma oyto oytavas; as oytavas tem cada huma setenta e dous graõs. Os escropulos tem cada hum vinte e quatro graõs; os meyo escropulos tem doze graõs; e estes pezos de escrópulos saõ huns pezos de folha de metal, que costumaõ vir nas balanças estrangeyras, e os ourives tem, os quaes tem seus numeros cada hum deles, que todos ordinariamente saõ seis; cada hum deles com letras de conta imprimidas de hum, dous, três, seis, dize, e vinte e quatro; que querem dizer hum graõ, dous graõs, três graõs, seis, doze, e vinte e quatro; e não são graõs de trigo, nem as onças de pezo, como muytos imaginaõ. As maõs cheyas, em que tenho falado, e hey de falar, he regularmente quanto póde abranger huma maõ com os dedos. E a palavra dóse, ou doses he o mesmo que huma porçaõ tudo o mais he o comum (FERREIRA, 1735, p. 21).

Esta descrição revela a importância das medidas e dos pesos tanto na actividade dos médicos e cirurgiões como na dos boticários, em cujas práticas era crucial conhecer e indicar, com precisão ou suficiente clareza, a quantidade das substâncias usadas na preparação dos remédios. Assim, as anotações do cirurgião português integram-se na história da metrologia portuguesa – vale dizer, da disciplina que “estuda e descreve os pesos e medidas” (PINTO, 1983, p. 381) – e contribuem, por conseguinte, para uma história dos pesos e das medidas, tanto em Portugal como no Brasil.

Publicado em 1735, o *Erario Mineral* apresenta o “sistema antigo”, ao qual pertencem as unidades da amostra aduzida. Por outro lado, é de salientar que muitas das designações das antigas medidas são evidentemente populares e têm uma origem antropomórfica, como é o caso de “mão”, uma das medidas referidas por Luís Gomes Ferreira, e que tem as variantes seguintes: “mão cheia” e “meia mão”.

Por último, importa referir que, ao longo da sua história, muitas das medidas estiveram sujeitas a variações porque, a partir de 1576⁷ e até ao século XIX, as medidas ficaram entregues à “determinação de cada concelho ou lugar” (PINTO, 1983, p. 30), o que explica as diferenças entre as praticadas no Brasil, nas Minas em particular, e as usadas em Portugal. Com efeito, embora Luís Gomes Ferreira refira acima que “tudo o mais he o commum”, por vezes vê-se na necessidade de estabelecer a correspondência entre as medidas usadas nas Minas e as de Portugal, conforme se conclui do exemplo seguinte: “[...] Em

7 É a data da “Carta de Lei de Almeirim”, que foi o último intento de reforma das medidas de capacidade. Em 1852 foi introduzido em Portugal o sistema métrico decimal (PINTO, 1983, p. 29).

meya medida das Minas, que corresponde a huma canada de Portugal [...]” (FERREIRA, 1735).

De facto, no *Erario* são muito frequentes as explicações sobre a equivalência entre algumas medidas, o que traduz a preocupação do autor com a identificação precisa das quantidades dos componentes dos remédios: “Doses he meya libra para cada vez, que he o mesmo que seis onças” (FERREIRA, 1735, p.113).

O quadro abaixo reúne algumas das unidades que integram a amostra.

Quadro 1

Tratado III
alqueire
arrátel
meio arrátel
canada
escrópulo
meio escrópulo
dedal (<i>didal</i>)
grão
libra
oitava
meia oitava
onça
meia onça
mão
mão cheia
medida
meia medida
meia medida das Minas
pataca
meia pataca
quarto
quartilho

Além destas, bem conhecidas no âmbito do “sistema antigo”, o cirurgião português recorre também a outras unidades lexicais que, não tendo o valor de “medida” como primeira acepção, no contexto do *Erario Mineral* funcionam como tal, pois servem para indicar a porção ou quantidade de certa substância ou produto. Trata-se, em regra, de medidas cujas denominações são mais populares do que as precedentes, porquanto nomeiam realidades ou utensílios tomados “por metonímia”, “por extensão” ou por analogia, como referência à porção ou quantidade de algo, como é o caso das seguintes:

Quadro 2

tacho
panela
colher ⁸
golpe ⁹
copo
copinho
frasco ¹⁰
coco
migalha
chicara (grafia antiga de <i>xícara</i> ¹¹)
dedada
pinga
ovo de galinha
com o que baste ¹² (do Lat. <i>Quantum satis</i>); a que basta ¹³

A consulta de qualquer dicionário actual confirmará que estas unidades não constituem, salvo em sentido metafórico ou por extensão, unidades de medida; porém, atendendo aos contextos em que elas ocorrem no *Erario Mineral*, não restam dúvidas de que tais unidades adquirem uma acepção própria, quando não exclusiva, integrando-se, por essa via, nas linguagens especiais da farmacopeia e da medicina, nas quais servem para indicar “medidas” que nem sempre são precisas ou rigorosas.

Do mesmo modo, se não restam dúvidas de que a prática do cirurgião português se adaptou ao meio (região das Minas), também é evidente que, perante a realidade brasileira, a sua terminologia no domínio dos pesos e das medidas passou a incluir produtos locais, de que é bom exemplo a unidade “coco”¹⁴ (fruto do coqueiro) para indicar a medida de líquido que naquele

8 No *Vocabulario Portuguez, e Latino*, de Bluteau (1712, p. 371), “colher, ou colherada. O que se pode tomar de huma vez com colher”.

9 Segundo Bluteau (1713, p.92) “golpe” equivale a “Copia. Quantidade”.

10 Sem referência a qualquer medida, para Bluteau (1713, p.204).

11 Segundo Houaiss (2001), a unidade “xícara” está atestada em 1706, significando “pequeno recipiente us. esp. para bebidas quentes, com asa para facilitar a manipulação *2 p.met.* a quantidade de bebida que comporta”. É precisamente nesta acepção metonímica que o autor do *Erario* usa a palavra.

12 Em Houaiss (2001) está atestada em 1854.

13 A expressão equivale à actual “quanto baste”, pertencente ao domínio terminológico da farmácia, segundo informa Houaiss (2001), cuja abreviatura “q.b” indica, no domínio da culinária, uma quantidade que não peque pela demasia ou pela escassez, sob pena de alterar o paladar.

14 Houaiss (2001) refere uma unidade de medida de origem japonesa: “METR medida de capacidade japonesa correspondente a seis alqueires (entre 12,5 e 13,8 litros)”. Contudo, no *Erario Mineral* “coco” não parece ter a ver com a medida referida por Luís Gomes Ferreira.

poderia caber. “Coco” adquire, pois, o valor de uma medida de capacidade. Apesar de o “coco” ser um fruto bem conhecido em Portugal no primeiro quartel de Setecentos, não seria certamente uma realidade quotidiana, a ponto de, em terras portuguesas, servir de medida entre boticários ou cirurgiões. Assim, na ausência de uma medida mais rigorosa, o autor do *Erario Mineral* adopta um referente local atribuindo-lhe uma função claramente “metrológica”.

No quadro abaixo, apresentam-se as medidas e os pesos mencionados por Luís Gomes Ferreira, acompanhados das definições fornecidas por obras lexicográficas de referência, a saber, António de Moraes Silva (1813), Fr. Domingos Vieira¹⁵ (1871-1874) e Houaiss (2001), cujas definições confirmam a maioria das unidades usadas pelo autor do *Erario Mineral*:

Quadro 3

	SILVA, 1813	VIEIRA, 1871-1874	HOUAISS ¹⁶ , 2001
ALQUEI-RE ¹⁷	medida de grãos: seis alqueires fazem um saco, e sessenta alqueires um moyo. § Alqueire de azeite são seis canadas (SILVA, 1813, p. 105) ¹⁸	Medida de capacidade para todo o género de grãos, sessenta das quaes fazem um moio. Também se dá este nome a uma medida de extensão, que era empregada antes do systema métrico, na Agrimensura (VIEIRA, 1871, p. 332).	antiga medida de capacidade us. sobretudo para cereais, mas de volume variável (na região de Lisboa equivalia a 13,8 litros) ¹⁹
ARRÁTEL ²⁰	peso que tem dezasseis onças (Silva, 1813, p. 186).	(Do arabe <i>arratle</i> ; Na linguagem popular ainda se diz Arratle). Pezo antigo de desesseis onças; trinta e dous formam uma arroba. (VIEIRA, 1871, p. 568).	<i>ant.</i> unidade de medida de peso correspondente a 459 g ou 16 onças; libra ²¹

15 Note-se que à data da publicação desta obra, em Portugal, já havia sido introduzido o sistema decimal.

16 Por se tratar da versão electrónica do *Dicionário Houaiss*, não se indica a página em que está registada cada unidade lexical.

17 Para Bluteau (1712, p. 282), alqueire é “[...] Medida de toda especie de grãos”. Também pode corresponder a uma medida de líquidos: “Alqueire de azeite, nos coutos de Alcobaça são seis canadas”.

18 Também segundo Moraes (1813, p. 105) “alqueirinho” é “meyo alqueire, e um selamim escasso” e Houaiss (2001) regista “alqueirão” definido como “medida de um alqueire de trigo”, com datação de 1899, correspondente ao Dicionário de Cândido de Figueiredo.

19 Segundo Houaiss (2001), esta forma já está atestada desde 1111.

20 Em Bluteau (1712, p.549) , “[...] Antigamente entre os Romanos o que chamamos Arratel era hum peso de doze onças; entre os “Portuguezes pesa o Arratel deseseis onças”.

21 De acordo com Houaiss (2001), a unidade “arrátel” já se registava em 1339.

CANADA	Medida de líquidos, contém quatro quartilhos, a duodecima parte de um almude [...] (SILVA, 1813, p. 333).	(Temos canna significando uma medida d’extensão, nada pois mais simples do que um derivado do thema canna designar uma medida de capacidade. [...] Medida portugueza de líquidos. (VIEIRA, 1873, p. 73).	antiga medida de líquidos (vinho, azeite etc.) que equivalia a quatro quartilhos ²² .
DEDADA ²³	Quantidade que se tira com um dedo (SILVA, 1813, p. 518).	A quantidade que se tira de uma só vez com o dedo [...] (VIEIRA, 1873, p. 729).	quantidade que se retira de uma só vez com o dedo ²⁴
DEDAL	Instrumento de metal, que cobre a cabeça do dedo mayor, com que costureiras, e alfayates empurraõ a agulha carregando na parte do fundo (SILVA, 1813, p. 518).	Pequeno instrumento de metal ou de marfim, com que se cobre a ponta do dedo para que se não pique ao cozer, empurrando a agulha. ---Figuradamente: Pequena porção [...] (VIEIRA, 1873, p. 729).	fig. porção mínima de alguma coisa
DOSE ²⁵	DÓSE, s.f., V. <i>Dósis</i> . DÓSIS. T. de Med. A porção de medicamento, que se póde dar sem prejuízo do doente, havendo respeito á idade, e outras circumstancias: v.g. a dose de tal remedio é de 2, até 4 grãos (SILVA, 1813, p. 640).	DOSE, ou DOSIS. Certa porção ou quantidade de alguma cousa. Termo de Pharmacia. Quantidade exacta de cada um dos ingredientes que devem entrar em um medicamento composto. Termo de Medicina. Quantidade determinada por pezo ou medida, de um medicamento, que se deve tomar todo de uma vez (VIEIRA, 1873, p. 1131).	FARM quantidade determinada de uma ou mais substâncias us., p.ex., na composição de medicamentos; dose; 2 p.ext. qualquer quantidade (concreta ou abstrata) constante de determinada coisa ²⁶ .

22 Segundo Houaiss, “canada” já se registava em 1114.

23 De acordo com Bluteau (1712, p.32), “Chamamos Dedo a medida pequena de hum dedo travêsso, & tomase por huma pequena cantidade, como quando dizemos *Beber hum dedo de vinho*”.

24 Baseado em Bluteau, Houaiss (2001) situa a palavra em 1713.

25 Em Bluteau (1712, p. 296), DOSIS (Termo de Medico). He palavra Grega. Val o mesmo que o peso, ou a medida das drogas, ou ingredientes, que entraõ na composição de hum medicamento, ou cantidade de remedio, que o Medico receitou para o enfermo”. Por sua vez, na nomenclatura de Domingos Vieira também figura o verbo DOSAR, definido como “Termo da medicina. Dividir, regular a dose de um medicamento” (VIEIRA, 1813, p. 1131). Houaiss (2001) situa o verbo “dosar” em 1839. Porém, graças ao *Erario Mineral*, esta unidade já tem atestação, no mínimo, em 1735. Saliente-se que Houaiss não aponta uma datação para “dosear”, cuja definição equivale à de “dosar”, donde se poderá concluir que esta é a forma mais antiga.

26 Em Houaiss (2001), a palavra estará atestada desde 1543.

ESCRÓ- PULO	Escropulo (escrúpulo) é o “peso de 24 grãos” (SILVA, 1813, p. 744).	Peso de 24 grãos, a terça parte da oitava. [...] O escrúpulo corresponde, aproximadamente, a um gramma e dous decigramas do novo systema decimal de pesos e medidas (VIEIRA, 1873, p. 280)	□ antiga medida de peso para pedras preciosas, equivalente a 1,125g ETIM lat. <i>scrupulum, i</i> ou <i>scripulum, i</i> ‘pedrinha, seixinho; escrúpulo, 24ª parte da onça ²⁷
FRASCO	Vaso de vidro para líquidos, e talvez de barro vidrado, de feição dos de vidro [...] (SILVA, 1813, p. 57).	(Do francez <i>flacon</i>). Garrafa que se fecha com uma rolha de vidro ou de metal. Nos laboratorios, significa vaso de vidro ou de crystal, de forma cylindrica, de fundo chato, e munido de um ou mais gargalos estreitos, de bordos reviarados [...] (VIEIRA, 1873, p. 765).	medida que corresponde a dois litros.
GRÃO	peso: 24 grãos fazem um escrúpulo, ou escrúpulo. (SILVA, 1813, p. 99).	Pequeno peso, que representa a vigésima quarta parte do antigo escrúpulo. O grão equivale, aproximadamente, a cinco centigrammas no novo systema de pesos e medidas. A oitava era de três escrúpulos ou de setenta e dous grãos. A onça constava de oito oitavas, ou quinhentos e setenta e seis grãos. Esta espécie de peso era muito usada na dosagem das substancias dos medicamentos activos. (VIEIRA, 1873, p. 913).	antiga unidade de medida de peso, no valor de 1/4 do quilate (49,8 miligramas)
LIBRA	equivale ao “peso de doze onças dos Botica-rios” (SILVA, 1813, p. 222).	Peso que commumente consta de dezeseis onças, ainda que tem diversos valores, segundo o uso de alguns paizes. ou províncias. Medida de líquidos que contém o peso de uma libra, com pequena diferença. [...] <i>Libra de botica</i> : a que usam os boticários, e é de 12 onças, em diferença da libra comum de 16 onças, que se chama <i>libra de peso</i> . (VIEIRA, 1873, p. 1309).	METR m.q. <i>arrátel</i>

27 “Escrúpulo, de acordo com Houaiss (2001), já está atestado no século XV.

MEDIDA ²⁸	Qualquer grandeza conhecida, de que usamos para examinar as desconhecidas, e termo de padrão dellas: v.g. a medida, de que os alfayates, e sapateiros usão, para tomar a altura, grossura, e longor do corpo, braços, pés, &c. a vara, e covado dos mercadores; os almudes, canadas, quartilhos, dos líquidos, ou molhados; os alqueires, &c. dos grãos, ou seccos [...] (SILVA, 1813, p. 281).	Qualquer unidade convencional comparada com os objectos para se conhecer a relação que há entre eles. Medida de comprimento, de capacidade, de solidez, de peso, etc. [...]. -- Particularmente medida é um vaso de grandeza determinada que serve para medir os cereaes e outros objectos. - Medida cheia; pequena medida ; grande medida . - Fazer boa medida ; meia medida . (VIEIRA, 1873, p. 178)	recipiente que serve para estabelecer capacidade ou volume <m. de litro> <certos medicamentos já trazem as m.> 5 p.met. a quantidade contida nesse recipiente <a dose recomendada foi de duas m. por dia>
MIGALHA	pequena porção de qualquer coisa” (SILVA, 1813, p. 298).	Pequena porção d’alguma cousa, porçõesinha. [...] -- figuradamente: Parcella pequena [...] (VIEIRA, 1873, p. 234).	porção diminuta de qualquer coisa comestível; bocadinho, bobéia, migalho
OITAVA ²⁹	“Oitava” é “uma parte de oito partes iguaes, em que se divide a onça da Libra, ou Marco” (SILVA, 1813, p. 361).	Uma das oito partes iguaes em que qualquer cousa é dividida. Uma das oitos partes em que divide a onça da libra ou marco (VIEIRA, 1873, p. 538).	parte oito vezes menor que a unidade
ONÇA ³⁰	[...] se for “das Boticas” tem oito dracmas; nas casas de Moeda é uma oitava do Marco. Medida de líquidos do Boticario; leva liquido, que pesa uma onça”. (SILVA, 1813, p. 365).	Decima parte do antigo arrátel, e a oitava do marco. A onça dos boticários tem 8 drachmas; e nas casas de moeda corresponde a ¼ demarco. (VIEIRA, 1873, p. 550).	1 METR antiga unidade de medida de peso de diversos países, com valores que variam entre 24 g e 33 g 1.1 antiga medida de peso equivalente à décima sexta parte do arrátel (28,69 g)

28 De acordo com o *Vocabulario* de Bluteau (1716, p. 389), “medida” é “qualquer cousa que serve para dar a conhecer a extensão da quantidade continua, ou a multidão da quantidade discreta”.

29 No verbete “oitava”, Bluteau (1720, p. 51) considera esta unidade como “Termo de Botica”, logo como unidade terminológica própria da linguagem dos boticários.

30 No seu *Vocabulario*, Bluteau (1720, p.75) define “onça” como “pezo”, acrescentando: “He a duodecima parte de uma libra Romana. Nas boticas de Portugal, a onça tem oito gramas, a grama tres escrópulos. O escropulo vinte & quatro grãos, & assim a onça Portugueza tem quinhentos, & setenta & seis grãos. Na casa da moeda se divide a onça de outro modo. A onça he a oitava parte de hum marco, & cada onça tem oito oitavas, & cada oitava tem de grãos grandes quatro, & meyo, & de pequenos, setenta, & dous, &c. [...]”. Na linguagem especial dos boticários, onça é “huma medida de latão, ou arame, que faz o mesmo pezo, que o licor que a enche” (Bluteau, 1720, p. 76).

PATAÇA	Moeda de prata do valor de 750. Reis, e são as de Castella. § No Brasil, a <i>Pataca</i> vale 320. Reis [...] (SILVA, 1813, p. 410).	Moeda de prata do valor de 750 a 800 reis, hoje 920 reis [...]. -- No Brazil, moeda do valor de 320 reis. [...]. (VIEIRA, 1873, p.700).	1 NUMS <i>B</i> moeda antiga de prata, que valia 320 réis. [...] meia p. quantia pequena, insignificante.
QUARTILHO ³¹	quarta parte de huma canada. No Brasil corresponde á canada do Reino. (SILVA, 1813, p. 535).	A quarta parte de uma canada. Medida portugueza para líquidos que contem quatro quarteirões ou a 48ª parte do almude. [...] No Brazil corresponde esta medida á canada de Portugal (VIEIRA, 1874, p. 23)	<i>ant.</i> unidade de capacidade para líquidos correspondente à quarta parte de uma canada, ou seja, cerca de 0,665 l, ou, atualmente, a meio litro, no Norte de Portugal ³²
QUARTO ³³	medida que tem a quarta parte de outra maior: <i>v. g. hum quarto de pipa</i> : <i>v.g.</i> o quarto de Lisboa, tem mais de 6 almudes: noutras terras, e segundo outros Foraes variava [...]. (1813: 535).	Quarta parte d'um todo. (VIEIRA, 1874, p. 23).	a quarta parte de uma dimensão ou medida <um litro e um q.> <dois q. de metro”
XÍCARA (Chicara ³⁴)			pequeno recipiente us. esp. para bebidas quentes, com asa para facilitar a manipulação

Para ilustrar o uso das denominações de algumas das medidas acima, vejam-se os exemplos seguintes:

31 Segundo Bluteau (1720, p. 23), quartilho é uma “medida de vinho, leyte, &c. O quartilho da Bahia no Brasil, he hũa canada de Lisboa. O quartilho de Lisboa he a quarta parte de hũa canada”.

32 Em Houaiss (2001) tem datação de 1302.

33 Segundo Morais Silva, “quarta” é “huma porção de hum todo, que se divide em quatro partes; *v.g. huma quarta da vara*; *huma quarta de assucar*, por não dizer, *huma quarta de hum arrátel de assucar*. [...] (SILVA, 1813, p. 533).

34 No *Erario Mineral*, esta unidade aparece sempre grafada desta maneira, não como “xícara”.

Quadro 4

Cosão huma raiz de capeba com **meya mão cheya** de folhas de alfavaca, ou de almeirão em **hum frasco** de agua, que diminua mais da **terça parte**, e fique em pouco mais de **ametade**, e na ultima fervura se lhe ajunte **duas oytavas** de senne, e tirado do fogo se coe, e torne a elle com **meya libra** de assucar, com o qual dará algumas fervuras, e tirado se coe outra vez, e se guarde para o uso [...] (FERREIRA, 1735, p.104).

De agua de malvas libra, e meya, xarope, ou lambedor violado **oyto onças, ou seis onças morno** pela manhã em jejum, e antes do Sol posto outro tanto [...] (FERREIRA, 1735, p. 110).

De trincal **duas oytavas, e meya**, trociscos de mirra **hum escropulo**, tudo se faça em pó sutil, e se misture, e depois se divida em **duas partes iguaes**, as quais se usarão cada huma por sua vez em agua de poejos, e de artimija, de cada huma *onça, e meya* (FERREIRA, 1735, p. 110).

De mirra, castorio, e estoraque, de cada cousa **meya oytava**, mel o que baste, se misture, e se dará **meya oytava** dos pós por cada vez desfeytos em vinho com **huma migalha** do dito mel [...] (FERREIRA, 1735, p. 110).

De agua da fonte **quatro libras**, ponha-se a ferver em cachão, e tirada do fogo, se lhe lance logo de bom senne **hũa onça**, de bom manná **onça, y meya**, cremor tartari, ou crystal mineral **meya oytava, pós de canella hum boa dedada** como de tabaco, e huma casca de azedo machucada [...] (FERREIRA, 1735, p. 113).

A preocupação com o valor das medidas e dos pesos percorre toda a obra, ao ponto de Gomes Ferreira lhes dedicar os capítulos XI e XII do *I Tratado* para esclarecer o leitor português sobre as medidas usadas nas Minas, distinguindo-as das portuguesas.

Vejam-se os exemplos do quadro abaixo.

Quadro 5

Da aveya meya oytava de hum alqueyre, a que em **muytas partes chamaõ salamim**; de raiz de almeirão verde hum molho [...].

meya medida de azeite doce que corresponde **pouco mais, ou menos a huma canada de Portugal**

Em meya medida das Minas, que corresponde a **huma canada de Portugal** [...].

Ao longo do *Erario Mineral* encontram-se inúmeras ocorrências das formas compiladas nos quadros 3 e 4, verdadeiras unidades de medida ou de peso, mas também de outras que, fora do contexto do *Erario Mineral*, são unidades do léxico comum, conforme ilustra o quadro seguinte:

Quadro 6

huma maõ chea de avenca
...golpe de vinagre...
... libras de botica...
... levará pouco mais, ou menos tanto como hum ovo de galinha...
... meia pataca...
...quartilho...
...dose...
huma colher..... tres colheres....
... hum copo...
...hum copinho
... tres frascos...
...didal
...huma migalha de sal...
...meyo arratel...
...onça...
... a medida de meya onça...
um coco de agua....
... meio escropulo, que são doze graõs..
dez graõs...
terça parte....
tres quartos de pezo

Conforme se pode observar acima, por metonímia certas denominações de recipientes referem-se igualmente ao conteúdo destes, podendo por isso ser incluídas entre os nomes de pesos e medidas, conforme exemplificam os casos “chicara”, “copo”, “colher” e “frasco”, unidades cujas definições metonímicas foram registadas por Houaiss (2001):

Quadro 7

<i>chicara</i> (xícara)	1706 [...]. <i>p.met.</i> ³⁵ a quantidade de bebida que comporta [...].
copo	<i>p. met.</i> o conteúdo de um copo; quantidade correspondente a um copo [...].
colher	o conteúdo desse utensílio
frasco	medida que corresponde a dois litros

35 Esta abreviatura assinala a introdução de uma acepção metonímica (por metonímia) na micro-estrutura.

Os exemplos acima permitem dizer que a referência ao “conteúdo pelo continente” nem sempre recebe em Houaiss uma marca específica (*p. met.*), ainda que tal definição apareça, com numeração própria, depois da definição sinonímica ou descritiva. Definida como “copo pequeno” e derivada de “copo”, a unidade “copinho” não foi alvo de marcação relativa ao conteúdo do objecto nomeado. Quanto a “migalha” e ao valor de medida que a unidade assume no *Erario Mineral*, trata-se, evidentemente, de uma unidade mínima, mas muito imprecisa.

Notas finais.

Embora a amostra extraída do *Tratado III* represente a riqueza do *Erario Mineral* no domínio metrológico, é grande a variedade de unidades lexicais relativas ao âmbito do peso de sólidos e da medida de líquidos.

Os exemplos acima aduzidos permitem concluir que tanto a lexicografia como os estudos diacrónicos do léxico terão muito a ganhar com o contributo de obras especializadas como o *Erario Mineral*. Com efeito, textos desta natureza podem contribuir decisivamente não só para uma cronologia lexical mais adequada mas também para a história das terminologias ou linguagens especiais. Em relação ao Brasil, o interesse de tais obras é redobrado, pois só com o recurso a fontes de várias naturezas e finalidades se poderá compreender como o léxico português se adaptou e recriou em solo brasileiro, como aí foi integrando novas acepções, restrições ou ampliações de uso, como alterou o significado inicial ou adquiriu novas acepções ou campos referenciais.

Por outro lado, a amostra relativa ao domínio terminológico dos pesos e medidas revela que nenhum projecto, seja lexicográfico, seja de estudo diacrónico do léxico, pode prescindir de obras do universo das linguagens especiais, sob pena de se obter um quadro incompleto do léxico de determinado período. Para o português setecentista, fica aqui demonstrado que o *Erario Mineral* é, sem dúvida, uma obra a ter conta.

Referências.

- ARGOTE, D. Jerónimo Contador de. *Regras da Lingua Portugueza, Espelho da Latina, ou disposição para facilitar o ensino da Lingua Latina pelas regras da Portugueza*, 2ª impressão. Lisboa Occidental: Officina da Musica, 1725.
- BLUTEAU, D. Rafael. *Vocabulario Portuguez e Latino*. Aulico, Anatomico, Architectonico, Bellico, Botanico, Brasilico, Comico, Critico, Chimico,

- Dogmatico, Dialectico, Dendrologico, Ecclesiastico, Etymologico, Economico, Florifero, Forense, Fructifero, Geographico, Geometrico, Gnomonico, Hydrographico, Homonymico, Hierologico, Ithyologico, Indico, Isagogico, Laconico, Liturgico, Lithologico, Medico, Musico, Meteorologico, Nautico, Numerico, Neoterico, Ortographico, Optico, Ornithologico, Poetico, Philologico, Pharmaceutico, Quidditativo, Qualitativo, Quantitativo, Rhetorico, Rustico, Romano; Symbolico, Synonimico, Syllabico, Theologico, Therapeutico, Technologico, Uranologico, Xenophonico, Zoologico. Coimbra: Colegio das Artes da Companhia de Jesus: I (1712); II (1712); III (1713); IV (1713); Lisboa: Oficina de Pascoal da Silva: V (1716), VI (1720), VII (1720), VIII (1721); Oficina de José António da Silva: Supplemento, Parte I (1727); Patriarchal Oficina da Musica: Supplemento, Parte II (1728).
- EDLER, Flávio Coelho. *Boticas & Pharmacia. Uma história ilustrada da farmácia no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.
- FERREIRA, Luís Gomes. *Erario Mineral dividido em Doze Tratados, Dedicado e offerecido á Purissima e Serenissima Virgem Nossa Senhora*. Lisboa: Lisboa Occidental, 1735.
- FERREIRA, Luís Gomes. *Erário Mineral*, 2 vols. Organização Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais/Fundação Oswaldo Cruz, 2002.
- FURTADO, J. F. Arte e segredo – o licenciado Luís Gomes Ferreira e seu caleidoscópio de imagens. In: FERREIRA, L. G.. *Erário mineral*. Organização Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais/Fundação Oswaldo Cruz, vol.1, 2002, p. 3-30.
- FURTADO, J. F. Barbeiros, cirurgiões e médicos nas Minas coloniais. *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Belo Horizonte, XLVI – Julho-Dezembro, 2005, p. 87-105.
- FURTADO, J. Tropical empiricism: making medicinal knowledge in colonial Brazil. In: DELBOURGO, J.; DEW, N. (eds). *Science and empire in the Atlantic world*. New York/Abingdon, Oxon: Routledge, 2008, p. 127-152.
- GONÇALVES, M. F. A «botica da natureza» no Dicionário Histórico do Português do Brasil (séculos XVI-XVIII): o *Erario Mineral* (1735), fonte para a história do léxico brasileiro”. In: LOBO, T.; CARNEIRO, Z.; SOLEDADE, J.; ALMEIDA, A.; RIBEIRO, S. (org.), *ROSAE - Lingüística Histórica, História das Línguas e outras histórias*. Salvador, EDUFBA, 2012, p. 908-925. CDRom.

- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. 3ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. 1.1. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia da Língua Portuguesa, 2001 CDRom.
- ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. (org.). *As ciências do léxico*, v. II. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004.
- ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (org.). *As ciências do léxico*, v. III. Campo Grande: Editora da UFMS/São Paulo: Humanitas, 2007.
- ISQUERDO, A. N.; FINATTO, M. J. B. (org.). *As ciências do léxico*, v. IV. Campos Grande: Editora da UFMS/Porto Alegre: Editora da UFGRS, 2010.
- ISQUERDO, A. N.; BARROS, L. A. (org.). *As ciências do léxico*, v. V. Campo Grande: Editora da UFMS, 2010.
- KRIEGER, M. da G.. Lexicologia e lexicografia diacrônicas: qual o papel desse tipo de pesquisa. In: ISQUERDO, A. N.; BARROS, L. A. (org.). *As Ciências do Léxico*, vol. V. Campo Grande: Editora da UFMS, 2010, p. 135-152.
- OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (org.). *As ciências do léxico*, v. I. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001.
- ORTA, Garcia de. *Coloquios dos simples, e drogas he cousas medicinais da India, e assi dalgũas frutas achadas nella onde se tratam algũas cousas tocantes amediçina, pratica e outras cousas boas, pera saber*. Impresso em Goa: Ioannes de Endem, 1563.
- PINTO, Adelina. Angélica Isoléxicas portuguesas (antigas medidas de capacidade). *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XVIII. Coimbra, 1983, p. 367-248.
- SILVA, Antônio de Moraes. *Diccionario da Lingua Portuguesa por Antônio de Moraes Silva*. Edição comemorativa do primeiro centenário da independência do Brasil. Photographada pela “Revista de Lingua Portuguesa” sob a direcção de Laudelino Freire. Rio de Janeiro: Officinas da S. A, Litho-Typographia Fluminense, 1922, 2ª edição, 1813.
- VERDELHO, Telmo. “Terminologias na língua portuguesa. Perspectiva diacrónica”. In: BRUMME, Jenny (ed.). *La història dels llenguatges iberoromànics d’especialitat (segles XVII-XIX): solucions per al present*. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada/ Universitat Pompeu Fabra, 1998, p. 98-131. Disponível em: http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes/Terminologias_lingua_portuguesa.pdf

VIEIRA, Fr. Domingos. *Grande Diccionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portugueza*, 5 vols. Porto: Em Casa dos Editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, 1871-1874.

Anexo 1 - Frontispício do *Erario Mineral*



Anexo 2 - Imagem do Tratado I, Capítulo XI do Erário Mineral

